

Resumo

Um mundo avançado, onde também há robôs com consciência, parecidos com humanos, chamados de 'formigas elétricas', encomendados como ferramentas. No caso de Poole, para representar o dono de uma empresa, segundo sua memória. Logo descobre que é um robô, se nega a trabalhar e se interessa em uma fita com furos em seu peito, que controla sua percepção da realidade. Depois de tanto mexer na fita, entra em curto. Um ângulo de ver a história é como se eu tivesse sonhado que fosse Poole. Então toda a narração e mundo seriam subjetivos à mim, e quando eu morresse, o mundo, até a narração. Acho melhor analisar esse sonho, e não o que está fora dele.

Crítica

1)

Exemplificando o funcionamento da fita: um robô tampa um furo e para de enxergar cadeiras no mundo. O que deve ocorrer, entretanto, é que seu sistema continua enxergando cadeiras, as identifica como cadeiras, e devido ao furo (ou a falta dele), não as vê. Ou seja, ele finge que não as vê. Talvez isso indique que alguém quer se manter na ignorância por vontade própria, porque assim prefere. Até quanto de ignorância preferimos viver? Quais as vantagens/desvantagens de viver nessas 'quantidades de ignorância'? Isso vai de cada caso. Exemplo: pode ser preferível acreditar seguramente em motivos e razões existenciais do que pensar na aparente insegurança niilista, o que acho que ocorre com Poole.

Voltando aos furos na fita e percepções da realidade/sentidos, poderia haver mais possibilidades além de 'não enxergar cadeiras', por exemplo, ter uma mudança de humor, de capacidade cognitiva, de ansiedade/medo, de facilidade para mentir, mudança nos sentidos como sinestesia, etc. Isso abriria outras situações além da 'preferir ser ignorante ou não', o que no caso é uma questão subjetiva, ao menos aparentemente. Se ele mudou os furos, ele mudou algo objetivo no mundo, e isso resultou numa mudança subjetiva na consciência.

Talvez o mesmo ocorra com os nossos cérebros, só de mudar o tamanho da massa encefálica, isso mude a personalidade, como pode sugerir a pesquisa [1], por exemplo. Deve a mudança de personalidade ser vista como mudança de consciência? Então devo considerar o 'eu criança' uma pessoa diferente do 'eu adulto', já que o cérebro não é o mesmo, e a única relação entre as duas pessoas é que a criança gravou memórias e exercitou certas partes do cérebro, o que define o adulto. Se pode-se pensar assim, a continuidade da consciência é quebrada, pois esta depende do cérebro, e este, assim como um rio, nunca é o mesmo.

2)

Quando Poole descobre que não é humano e que suas crenças eram mentiras, ele se depara com a provável quebra de seus motivos e objetivos existenciais, uma situação no caso depressiva. Não está claro o porquê de Poole achar importante ser um ser humano ou não,

porque poderia ocorrer o contrário, um ser humano chegar à conclusão de que ele não passa de uma máquina, um robô. Nisso ocorreria mudanças subjetivas, crenças que esta pessoa tinha. Talvez ela queira reconstruir seu ponto de vista, que suportem o novo 'fato'.

Poole não fez isso, ele se impressiona com algumas características novas sobre seu corpo e decide explorá-las, algo natural, mas que leva à sua morte. Então as questões relativas às novas subjetividades que Poole poderia adquirir ao longo do tempo são enterradas, uma posição conservadora.

Referência

[1] - <http://goo.gl/Q5wTe> ou <http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI688409-EI238,00.html> - Mentirosos patológicos têm anomalia no cérebro.